

JORNAL DO BRASIL 15 JAN 1987 A pedagogia dos trópicos

Arnaldo Niskier

TRATA-SE de uma reação em cadeia. Os numerosos cursos de pós-graduação existentes no Brasil preparam professores e pesquisadores para as nossas 82 Universidades, segundo uma ótica predominantemente estrangeira. Nas escolas de 3º grau, o fenômeno se repete e é natural que os mestres cheguem ao 2º grau com uma visão mais de fora do que de dentro da nossa educação. A onda atinge o 1º grau, fechando o ciclo. Os professores e especialistas do nosso país padecem de um mal aparentemente incurável, denominado transplantação de cultura.

Para sermos mais precisos, falta o abraço da nossa pedagogia. Autores como Jean Piaget, Althusser, Lévi-Strauss, Barthes, Chomsky, Skinner e Rogers são muito mais considerados nas aulas sofisticadas do que os nossos Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Carneiro Leão. Isto sem contar os dois Freyre: Paulo e Gilberto, estrelas da cultura nordestina e brasileira, que nos inspiram a defesa de uma **Pedagogia dos Trópicos**.

Talvez a causa determinante do que ocorre seja mesmo a pobreza do país e a existência de um cristalino desequilíbrio social e econômico, fazendo conviver a miséria com bolsões de riqueza que geram modelos copiados de nações desenvolvidas. De toda forma, é preciso defender a existência de uma educação com características nativas, de sabor brasileiro, com soluções caboclas que nada têm a ver com o luxo do que se discute em algumas das instituições brasileiras de ensino.

Nas últimas décadas, particularmente nos anos 60, a grande afluência de autores internacionais descaracterizou completamente o nosso ensino. Não somos contra a utilização de suas idéias, mas a proporção atualmente é de 80% de estrangeiros para apenas 20% de temas e autores brasileiros. Não estaria na hora de mudar essa realidade? É claro que tem sido importante a concepção althusseriana em relação às escolas. Seriam as escolas o aparelho ideológico dominante ou não? O formalismo contido nas suas idéias produziu diversas discussões que, de certa forma, enriqueceram o debate universitário no Brasil.

Não devemos esquecer também a forte influência da Escola de Genebra, criada por Jean Piaget. Suas teorias, segundo Lauro de Oliveira Lima, um dos seus mais importantes seguidores, jamais foram contestadas em livros ou congressos. É o mesmo Lauro de Oliveira Lima quem diz o seguinte: "No nosso sistema acadêmico ninguém refuta ninguém, ninguém examina, criticamente, as doutrinas e teorias. Fazê-lo é adotar uma postura considerada de mau gosto, além de denunciar uma certa paranóia. Isso tudo porque somos uma cultura transplantada e o colonizado não ousa pôr em questão a cultura recebida. As teorias de Lévi-Strauss sobre nossos indígenas, por exemplo, são facilmente refutáveis, mas ninguém toca no problema, continuando a ser ensinado aos futuros antropólogos como se fosse verdade incontestável".

Voltando às teorias de Piaget, ele procurou dar à educação um novo objetivo: fazer com que as novas gerações critiquem o sistema em todo o plano sócio-econômico, procurando aperfeiçoá-lo. Essa lição parece que não foi entendida. Mas a sua principal contribuição, sobre o desenvolvimento do pensamento, apresenta a teoria de que a inteligência cresce na criança e mostra como o sistema educacional facilita a sua expansão.

Como vimos, as idéias são importantes. Mas qual é o pensamento brasileiro sobre a questão? Vamos recorrer a Gilberto Freyre, com quem tivemos o privilégio de estar, na sua notável Fundação Instituto Joaquim Nabuco, no Recife. Defensor ardoroso da tropicologia ou tropicalidade, ele, no decorrer de toda a sua vida, transmite a idéia de que temos condições de legitimar nossa própria cultura, estimulando a espontaneidade nativa. Sempre foi seu pensamento desenvolver nossa tropicalidade, que se refere, segundo ele, à ecologia tropical, sobre a qual se projeta uma cultura condicionada, e não determinada. Nos contatos com outros sociólogos estrangeiros, a sua proposta sempre foi respeitada, inclusive por Arnold Toynbee, que lhe falou para lutar por uma "solução brasileira", em todos os sentidos. Por que não se tem a coragem de seguir o bom conselho?

Arnaldo Niskier é professor titular da UERJ e membro da Academia Brasileira de Letras e do Conselho Federal de Educação.